Futuro político de Paes está associado ao sucesso ou fracasso da Rio-2016

.folha.uol.com.br/esporte/olimpiada-no-rio/2016/08/1798727-futuro-politico-de-paes-esta-associado-ao-sucesso-ou-fracasso-da-ric

PLÍNIO FRAGA COLABORAÇÃO PARA A FOLHA 08/04/2016

81

O condutor do novo Veículo Leve sobre Trilhos (VLT), ícone da renovação do centro do Rio de Janeiro, demorou alguns segundos a decifrar a penugem à frente. Acionou um moderno sino digital, que reproduz por computador o badalo clássico, mas não pareceu ser ouvido. Foi obrigado à frenagem abrupta, para a surpresa de duas centenas de passageiros que trafegavam no VLT, às 18h35, na região da Cinelândia, no sábado, dia 13.

Uma galinha se postou à frente da composição, não se intimidou com o alerta do condutor e atravancou o trânsito. O condutor colocou o corpo para fora do trem e recorreu ao "xô!, xô" para que a galinha desse um salto desajeitado e seguisse em frente, em direção ao Teatro Municipal, sem que fosse perturbada. Alguém disse que parecia um episódio da cáustica família Simpsons no Rio de Janeiro. Enfim, sob apupos, o moderno bonde continuou seu trajeto.

"Extra, extra: VLT salva galinha", gracejou o prefeito do Rio, Eduardo Paes, em uma rede social. Aos 46 anos, em segundo mandato pelo PMDB, Paes quer provar que as transformações que comandou para a preparação da Rio-2016, significam mais para a cidade do que o voo ineficiente e curto da galinha que atravancou o sábado do centro da cidade. Acha que o Rio está mais para pavão, que pode ostentar a cauda da revitalização.

Paes tem seu foco voltado para as 22h20, de 21 de agosto, horário para o qual está prevista a conclusão da festa de encerramento da Rio-2016, minutos depois de o prefeito passar a bandeira olímpica para a governadora de Tóquio, Yuriko Koike, que comandará os preparativos para a Olimpíada de 2020.

Se os Jogos no Rio tiverem transcorrido com segurança, eficiência e beleza, Paes pode alavancar seu peso na escolha do sucessor neste ano e tornar-se favorito para a disputa ao governo do Estado do Rio em 2018. Terá vencido e se destacado. Ganhou o mundo, em jornais de países distintos como Austrália e Nigéria, entrevista de Paes a uma agência de notícias na qual dizia o que pretende fazer após o encerramento dos jogos. "Vou tomar um porre. Vou ouvir samba e beber cerveja."

Se os problemas da Rio-2016 ofuscarem sete anos de esforços para a transformação de balneário em cidade olímpica, a ressaca de Paes poderá ser gigantesca e obrigá-lo a cair no ostracismo ao lado de seu maior mentor.

Como parte de seu jogo olímpico, Paes reservou agenda para dar entrevistas à mídia estrangeira, com a estratégia de que a impressão de sucesso também precisa ser construída de fora para dentro, mesmo que a custa de um "sincericídio". À CNN, Paes disse que a segurança no Rio era terrível. Ao jornal inglês "The Guardian", declarou que a Olimpíada foi uma oportunidade perdida. Em ambos os casos, exibiu uma postura distante e olímpica _ atitude estranha a quem está há quase oito anos no poder na cidade-sede dos jogos, sem importar-se em atingir aliados com tal discurso.

Mas foi ao "Financial Times", também inglês, a quem Paes se mostrou por inteiro: "Se você pegar os últimos dez prefeitos de Rio juntos, eles fizeram menos do que o que eu fiz. Não é porque eu sou maravilhoso e bonito, com olhos azuis; tudo aconteceu por causa das Olimpíadas".

O jornal inglês definiu-o como "carismático", dono de uma "confiança indomável" e lembrou de que já foi chamado de "nervosinho" ao trocar socos com um artista que o criticou em um restaurante.

Um colunista da agência de notícias econômicas Bloomberg explicou o que chamou de "o jogo extravagante do prefeito do Rio". Se os jogos forem conduzidos a contento e Paes se mantiver fora das investigações de propina que enlameiam autoridades brasileiras, "estará cabeça e ombro acima do vergonhoso elenco que converteu os cargos mais altos do país em um ecossistema tão tóxico quanto as águas poluídas da baía de Guanabara".

O texto chega a apontá-lo como nome potencial para as eleições presidenciais de 2018, tema que Paes não quer nem ouvir. Acha que se trata de estratégia para queimá-lo antes que a largada da disputa presidencial seja dada.

Eduardo Paes recebe a delegação australiana

Abrir galeria em tela inteira

O prefeito Eduardo Paes (PMDB) com a delegação australiana e o canguru Por: Ricardo Borges/Folhapress 27/07/2016

[10 de 10]

LEGADO

Eduardo Paes repete há sete anos conselho que disse ter ouvido do ex-prefeito de Barcelona Pasqual Maragall, que conduziu as transformações olímpicas na Espanha em 1992: "A cidade deve se servir dos Jogos e não os Jogos da cidade". Ouve em contrapartida os adversários lembrarem que a Olimpíada de 2004 faliu Atenas.

Um estudo divulgado nesta semana pelo Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas tentou avaliar essa questão. A conclusão é que o Rio deve ficar no meio termo. Igualmente distante tanto da eficiência e transformação de Barcelona quanto da desorganização e penúria de Atenas.

A Olimpíada manteve a economia carioca, ou pelo menos a renda dos cariocas, em trajetória ascendente, apesar da crise que assolou o país. Entre 2008 e 2016, a renda per capita cresceu 30,3% no município, contra 18,2% nos demais municípios do Grande Rio. Dois terços deste crescimento ocorreram nos últimos três anos, na reta final da preparação olímpica.

A notícia ruim foi que a desigualdade de renda per capita caiu pouco, indo de 0,55 em 2008 para 0,5438 em 2016. A taxa de desigualdade carioca segue acima da média brasileira.

Entre 2008 e 2016, dos 25 pontos analisados pelo estudo, houve retrocesso apenas no tempo de transporte ao trabalho. O carioca gasta cada vez mais tempo de casa ao local de atividade profissional. Se os novos eixos de transporte público concluídos para os Jogos, como metrô, VLT e corredores exclusivos de ônibus , mudarem essa realidade, aí estará o grande legado olímpico.

O cacife político de Paes estará à prova dois meses depois da Olimpíada, numa competição em que só o primeiro lugar importa. O prefeito escolheu seu braço direito, o deputado federal Pedro Paulo (PMDB), como seu candidato à sucessão. A opção foi vista com reservas mesmo por aliados próximos do prefeito. Pedro Paulo até agora é mais associado a um rumoroso inquérito policial no qual foi acusado de ter agredido sua mulher do que a seu papel na Casa Civil e depois na Secretaria de Governo de Paes. É pouco conhecido pelos eleitores, mas, entre aqueles que o conhecem, a rejeição é alta, em especial pelo episódio de violência doméstica.

Um mês depois de ser operado em razão de uma crise renal, Paes parece recuperado. Semana passada esteve no Cachambeer, restaurante na zona norte do Rio, que serve seu prato predileto: costela assada no bafo. Paes afirma ter engordado 15 quilos no período final da preparação da Olimpíada. Com 1,81 metro de altura, superou os 100 kg em peso.

Vencedor ou derrotado na Olimpíada, Paes já colocou na agenda do ano que vem dois compromissos para quando

passar o cargo de prefeito do Rio: fazer dieta e dedicar-se a um ano sabático, com estudos na Universidade Columbia, em Nova York.

Rio-16: do sonho olímpico ao pesadelo

Abrir galeria em tela inteira

Sob o cenário de uma das mais graves crises política e econômica da história recente do país, o Rio de Janeiro, cidade sede das Olimpíadas de 2016, também é parte de um palco em degradação Por: Julio Cesar Guimaraes/UOL 23/06/2016

[1 de 26]